



O DIÁRIO DE ZLATA: HISTÓRIA E ESCRITA

Alaide Angelica de Menezes Cabral Carvalho

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, angelicamenezes05@gmail.com.

RESUMO: A finalidade deste artigo é apresentar uma proposta interdisciplinar entre História e Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental II. Utilizaremos a metodologia ativa como mediadora para o ensino crítico-reflexivo e valorizador dos estudantes. Para tanto, utilizaremos como *corpus* o livro “O Diário de Zlata”, escrito por uma criança de onze anos que vivenciou momentos terríveis durante a guerra da Bósnia. A construção deste artigo se dará sob a luz de autores como: Paulo Freire, Mitre, Nikitiuk, Santos, Vigotski, Koch, Bakhtin, Dolz, Noverraz e Schneuwly, as Orientações Curriculares para o Ensino Fundamental II, PCNs, entre outros. Estamos convencidos de que, através das metodologias ativas, aliadas a práticas educacionais cada vez mais reflexivas, críticas, será possível viver uma ação pedagógica que promova a autonomia, que liberte, que possibilite o diálogo e o enfrentamento de resistências e de conflitos que venham a surgir.

Palavras-chaves: Língua Portuguesa, História, Metodologias ativas.

INTRODUÇÃO

É inegável reconhecer as melhorias do ensino de língua materna, sobretudo nas últimas décadas com as contribuições dos estudos do discurso e da teoria dialógica de Bakhtin. Mas, muita coisa ainda precisa ser posta em prática. Temos diretrizes curriculares que nos dão caminhos e respaldos para um trabalho muito eficaz.

Todavia, temos realizado um trabalho realmente satisfatório? Meu aluno tem espaço/voz em minha sala de aula para discutir/refletir/questionar? Que tipo de aluno eu tenho formado: um aluno que recebe tudo que é ensinado como verdade ou um aluno que critica, expõe seu ponto de vista e questiona o que ouve, lê e é ensinado?

Pensar em ensino de língua é também pensar em prática social, pois não há discurso sem prática social. Assim, não podemos conceber um ensino como mera transposição de saber. É preciso que haja uma construção/aprendizagem entre professor e alunos, aluno e aluno. As metodologias ativas são uma das ferramentas que podem assegurar a autonomia dos alunos. É pensando como Freire e Vigotski que entendemos que é na interação social, nas mais diversas relações, que os indivíduos se constituem e geram conhecimento. Transformar o modo passivo de aprendizagem garantirá a formação de um aluno consciente de seu papel em



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sociedade, sujeito ativo, crítico, mais capaz e preparado para a vida em sociedade/trabalho.

Este trabalho pretende apresentar uma proposta de ensino interdisciplinar, pois visa proporcionar um diálogo entre as disciplinas; Língua Portuguesa e História, para a construção de conhecimentos e galgar os objetivos deste trabalho, mantendo suas particularidades.

Convém antecipar que no decorrer do texto, faremos uma exposição com relação ao conceito de metodologias ativas e possibilidades de seu uso para o processo de ensino-aprendizagem. Em seguida, buscaremos apresentar o uso de materiais visuais enquanto mecanismos para alcançarmos a compreensão, aprendizagem significativa e autonomia dos estudantes. Ao longo do trabalho tentaremos evidenciar a importância de ensinar utilizando a interdisciplinaridade. A parte final deste artigo, reservamos para apresentar uma proposta de ensino na qual contemple o ensino interdisciplinar de português e história através do uso de metodologias ativas.

1. METODOLOGIAS ATIVAS: (RE)PENSANDO A NOSSA PRÁTICA

Para adentrar o conceito que queremos delinear, é necessário lembrarmos de um provérbio chinês que diz: “O que eu ouço, eu esqueço; o que eu vejo, eu lembro; o que eu faço, eu compreendo”. Isso foi dito pelo filósofo Confúcio e tem relação direta com aprendizagem ativa. Silberman (1996) modificou esse provérbio de modo a facilitar o entendimento de métodos ativos de aprendizagem, dando a ele a seguinte redação:

O que eu ouço, eu esqueço;
O que eu ouço e vejo, eu me lembro;
O que eu ouço, vejo e pergunto ou discuto, eu começo a compreender;
O que eu ouço, vejo, discuto e faço, eu aprendo desenvolvendo conhecimento e habilidade;
O que eu ensino para alguém, eu domino com maestria. ¹

Essa afirmação resume os princípios das metodologias ativas de aprendizagem. Se em nossa prática de ensino desempenhamos atividades que proporcionam ações como ouvir, ver, perguntar, discutir, fazer e ensinar, estamos buscando a aprendizagem ativa.

Segundo Mitre (2008) historicamente, a formação dos profissionais de história – e nas demais disciplinas não têm sido diferente - tem sido pautada no uso de metodologias conservadoras, sob forte influência do mecanicismo de inspiração cartesiana newtoniana, fragmentado e reducionista. Separou-se o corpo da mente, a razão do sentimento, a ciência da ética, compartimentalizando-se, conseqüentemente, o conhecimento em campos altamente especializados, em busca da eficiência técnica.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Negando essa acepção, a construção de uma consciência crítica requer movimento, curiosidade, indagações, exige posicionamento ativo, compreendendo a realidade em constante transformação.

Nikitiuk (2002, p.04) acrescenta que: “Partir da experiência cotidiana dos sujeitos envolvidos no processo de ensino aprendizagem certamente é um caminho para romper com muitos dos desafios postos ao professor pelas práticas tradicionais ainda desenvolvidas”. Esse pensamento reflete a compreensão de Vigotski, sobre a aquisição de conhecimento. Para quem, o conhecimento é adquirido a partir do que já era de conhecido pelos sujeitos em seu dia-a-dia, das experiências vivenciadas ao longo de seu desenvolvimento e internalizado, através das relações sociais, de sua cultura, de seu povo.

As metodologias ativas têm como princípio teórico a autonomia. Autores como Freire (2007) asseveram que a autonomia é fundamental no processo pedagógico e a pesquisa é uma das formas de viabilizar o aprendizado e o desenvolvimento da autonomia intelectual e da consciência crítica. Com elas, o aluno constrói seu conhecimento em vez de recebê-lo de forma passiva do professor. O aluno que possui essas competências pode questionar e intervir na realidade com muito mais propriedade.

Concordamos com a visão de Santos (2011, p. 209) sobre o papel da escola,

A educação deveria prover todas as pessoas com os meios adequados para que sejam capazes de absorver e criticar a informação recusando os seus vieses, reclamando contra a sua fragmentação, exigindo que o noticiário de cada dia não interrompa a sequência dos eventos, de modo que o filme do mundo esteja ao alcance de todos os homens. O morador cidadão, e não o proprietário-consumidor, veria a cidade como um todo, pedindo que a façam evoluir segundo um plano global e uma lista correspondente de prioridades, em vez de se tornar o egoísta local, defensor de interesses de bairro ou de rua, mais condizentes com o direito fetichista da propriedade que com a dignidade de viver. O eleitor teria sua individualidade liberada, para reclamar que, primeiro, o reconheçam como cidadão.

Este é um grande desafio, mas é totalmente possível. Através das metodologias ativas, é possível usar a problematização como estratégia de ensino-aprendizagem. Com problemas reais, o discente costuma estar muito mais motivado para examinar, refletir e pode relacionar à sua história o que é investigado, ressignificando suas descobertas.

2. O USO DE MATERIAIS VISUAIS: UMA METODOLOGIA ATIVA TRANSFORMADORA

A educação é um processo historicamente construído, o educador possui um papel, nesse processo, que é mediar o educando a buscar sua identidade e atuar de forma crítica e reflexiva na sociedade. A formação do educador depende da concepção que cada profissional



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

possui sobre criança/adolescente, homem, sociedade, educação, escola, conteúdo e currículo.

Teoricamente neste século (XXI) as tecnologias estão impactando cada vez mais a vida moderna com seus reflexos na educação. Neste cenário de mudanças, há necessidade de repensar o papel da escola, pois se percebe que o modelo tradicional já não atende às demandas.

Neste contexto, o professor precisa saber utilizar as tecnologias em sua prática docente, não somente como recurso didático, mas como ferramenta adequada a todo o processo pedagógico. Com base nisso, defende-se o uso de imagens, mapas, tabelas e outros materiais, através de metodologias ativas em sala de aula como uma ação necessária, onde o aluno possa aprender brincando e interagindo.

As metodologias ativas têm como princípio teórico a autonomia. Paulo Freire (2007) assevera que a autonomia é fundamental no processo pedagógico e a pesquisa é uma das formas de viabilizar o aprendizado e o desenvolvimento da autonomia intelectual e da consciência crítica. Com elas, o aluno constrói seu conhecimento em vez de recebê-lo de forma passiva do professor. O aluno que possui essas competências pode questionar e intervir na realidade com muito mais propriedade.

O professor não precisa, ou melhor, não deve fazer uso de apenas um único material didático. Concordamos com os PCNs (1998, p. 81) ao apresentar possibilidades de usos de materiais diversos na busca por um ensino mais significativo.

O mais importante não é o livro, mas a utilização que se faz dele. De vários livros podem ser selecionados textos, imagens, citações de autores, documentos e exercícios. Esses materiais podem ser usados para problematizar questões históricas, instigar debates, analisar representações artísticas de épocas, confrontar pontos de vistas, diferenciar abordagens históricas, resumir temas de estudo, explicitar definições históricas para conceitos etc.

Problematizar facilita o contato com as informações, bem como a produção do conhecimento, objetivando solucionar os impasses e possibilitando o próprio desenvolvimento.

Desenvolvemos uma proposta de ensino voltada para a busca de interação e autonomia dos discentes. Deste modo utilizaremos ferramentas visuais para que os mesmos se apropriassem de conhecimentos e a partir destes se posicionassem e construíssem conhecimento.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Concordamos com Berger (1999, p.10) ao afirmar que, relacionamos os objetos/coisas e construímos relações de sentidos a partir do olhar. Isto é, “nunca olhamos para uma coisa apenas; estamos sempre olhando para a relação entre as coisas e nós mesmos”. (Co)relacionamos o que sabemos e/ou acreditamos sobre o mundo, sobre as coisas e os enxergamos a partir desses conhecimentos.

Deste modo, é necessário pensarmos em um ensino que vise esse tipo de letramento visual ou ao menos que forneçamos instrumentos e meios para a ampliação dos mais variados usos da linguagem, da comunicação.

3. PROPOSTA DE ENSINO – O DIÁRIO DE ZLATA: HISTÓRIA E ESCRITA

Paulo Freire afirma que “[...] não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens” (1987. p.79), e é pensando nessa conjuntura que acreditamos na possibilidade de transformações e aperfeiçoamento dos indivíduos. Abrir espaços de reflexão e diálogo é fundamental para conhecer e construir o mundo e si mesmo.

Muitas pesquisas demonstraram ser, a aprendizagem ativa, uma estratégia de ensino muito produtiva, independentemente de temática ou disciplina, em relação aos métodos de ensino tradicionais. Pois, como afirmado por Silberman (1996), através dos métodos ativos de ensino, os alunos conseguem compreender/assimilar mais informações, guardar os conhecimentos por mais tempo e desfrutar das aulas com mais contentamento e entusiasmo.

De acordo com Dolz, Noverraz e Schnnewly (2004), as sequências didáticas são a união de atividades pedagógicas organizadas sequencialmente, de modo sistemático, a partir de um gênero textual. Tendo como função fornecer aos alunos acesso a práticas de linguagens específicas, isto é, propiciar meios de ajuda-los a dominar os mais diversos gêneros textuais encontrados em nossa sociedade, tornando-os capazes de ler, compreender e produzi-los.

Pensando nisso, apresentaremos possibilidades metodológicas para o ensino de língua portuguesa e história, buscando aprimorar os conhecimentos e as capacidades de leitura, escrita, oralidade, inserção na história, apreciação literária, etc.

Esta proposta foi pensada para o Ensino Fundamental II, mas poderá ser aplicada, com as devidas alterações/adequações, para outros níveis de ensino. Também queremos deixar claro que a proposta é trabalhar em conjunto, isto é, professor de história e de língua portuguesa. Mas, caso haja algum entrave, a proposta didática ainda poderá ser aplicada sem grandes dificuldades, caso o professor esteja realmente empenhado.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A nossa proposta é realizar um trabalho com a obra completa – O Diário de Zlata; diário escrita por uma criança que vivenciou e escreveu em dois anos, sobre seu dia-a-dia durante a Guerra da Bósnia; suas angústias, seus medos, a perda de sua infância e sua esperança.

1ª etapa – Introdução: Momento de apresentar a história, espaço e razões da guerra na Bósnia-Herzegovina.

- Apresentação da Guerra na Bósnia-Herzegovina através de um vídeo documental².
- Socialização para saber as impressões dos alunos sobre este acontecimento, e momento para sanar dúvidas que surgirem sobre o assunto.

É importante que o professor deixe claro os motivos causadores do conflito. Assim como, as consequências da guerra³. A própria obra apresenta em sua introdução um resumo da obra. Essas informações são necessárias:

A Guerra da Bósnia e Herzegovina ocorreu oficialmente entre 6 de abril de 1992 e 14 de dezembro de 1995. Durante quatro anos de conflito, o número estimado de mortes é calculado entre 100 e 200 mil pessoas e o de refugiados em mais de dois milhões.

Uma complexa combinação de fatores político-sociais, que seguiram ao fim da Guerra Fria e a queda do socialismo na Iugoslávia, causaram a guerra.

A República Socialista da Bósnia e Herzegovina era formada principalmente por bósnios muçulmanos (44%), sérvios ortodoxos (31%) e croatas católicos (17%). Depois do início da desintegração da antiga Iugoslávia, em 29 de Fevereiro de 1992 um referendo foi realizado como forma de conseguir a independência. O resultado amplo em favor da independência foi rejeitado pelos representantes políticos dos sérvios bósnios, que haviam boicotado o referendo.

Em seis de abril de 1992 a República da Bósnia e Herzegovina foi convencionalmente reconhecida pela Comunidade Europeia. Após a declaração de independência, forças sérvias bósnias, apoiadas pelo governo sérvio de Slobodan Milosevic e pelo Exército do Povo Iugoslavo (ANJ) atacaram a República da Bósnia e Herzegovina, com o objetivo de garantir e unificar o território sérvio. A acirrada luta pelo controle territorial foi acompanhada pela expurgação étnica da população não-sérvia de áreas sob controle sérvio, principalmente, da população Bósnia localizada na Bósnia Oriental, perto da fronteira com a Sérvia⁴.

A guerra foi declarada encerrada oficialmente em 21 de novembro de 1995, com a assinatura do acordo de paz de Dayton (também conhecido como Protocolo de Paris).

Acreditamos que iniciar a aula pela História, trará uma dimensão maior da obra de Zlata, assim como, deixará claro para os alunos que não se trata de ficção, mas de história real.

² Vídeo no qual são documentados os conflitos da guerra na Bósnia- Herzegovina
<https://www.youtube.com/watch?v=EwnrXNGuXyg>.

³ Sugerimos a leitura do post do blog do jornalista Nelson Franco Jobim, intitulado: Bósnia-Herzegovina: independência banhada em sangue. Disponível em:< <http://nelsonfrancojobim.blogspot.com.br/2014/06/bosnia-herzegovina-uma-independencia.html>>. Acesso em: 17, de jan. de 2016.

⁴ Guerra da Bósnia. Disponível em:<http://www.muscudeimagens.com.br/guerra-da-bosnia-herzegovina/>. Acesso em: 17, de jan. de 2016.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

- É salutar que o professor utilize mapas, gráficos, vídeos, enfim, diversos textos multimodais para exposição do assunto.

2ª etapa – Apresentação da obra.

- Nesse momento, o professor conversa com os alunos sobre a prática de escrever em diários ou blogs; o que eles gostam de registrar, com que frequência, qual o objetivo dessa escrita.

- O professor deverá apresentar as características que compõem o gênero diário pessoal:

- Um gênero no qual podemos registrar ideias, nossa visão acerca da realidade que nos cerca, expressar sentimentos de uma maneira geral, assim como registrar fatos ocorridos no cotidiano.

- Como o próprio nome diz, trata-se de um gênero pessoal, não sendo necessário compartilhar suas informações, a menos que o interlocutor deseje. A linguagem utilizada não segue a variante padrão da língua, pois as situações comunicativas não a exigem. É empregado o uso da primeira pessoa do singular e um tom coloquial. Em muitos casos observamos o uso do vocativo – Querido diário ou até a criação de um nome para saudá-lo – logo após a data.

- Quanto a sua estrutura, é repetitivo – cada dia corresponde a um registo de situações e sentimentos diferentes e é identificado pela respectiva data; os registros são ordenados cronologicamente.

- Apresente aos alunos o gênero blog – Será o blog a versão contemporânea do diário pessoal? Ou apenas um suporte para gêneros?

É importante salientar, mesmo que brevemente, os aspectos em que os gêneros, diário pessoal e blog, se aproximam e suas diferenças, assim como, compreender que o blog é mais que um gênero. Adotaremos aqui a definição de Marcuschi (2004, p. 62) sobre o blog,

Os blogs são datados, comportam fotos, músicas e outros materiais. Têm estrutura leve, textos em geral breves, descritivos e opinativos. São um grande sistema de colagem em certos casos [...] Não são como emails nem como chats, pois cada qual pode pôr no livro do outro o seu recado ou comentário sobre algo que o outro escreveu.

Deste modo, o blog é um suporte, pois funciona como veículo de transmissão para diversos gêneros, orais, escritos, visuais, enfim multimodais. Não contém (não deve conter) informações muito pessoais ou segredos, já que é publicado na internet, é mais dinâmico, e promove interação com outras pessoas.

Como afirma Schittine (2004), não podemos dizer que há uma equivalência muito grande entre o diário pessoal e o blog, já que, como vimos o diário tem a função de “guarda-memória”, fazendo com que os sentidos do que foi escrito não se percam com o tempo, enquanto que no blog, todo o caráter intimista e secreto desaparece, por ser divulgado na internet, de modo que qualquer pessoa pode ter acesso.

De qualquer modo, o blog será usado, neste caso/momento, para divulgação das produções dos alunos – o que significa autoria; configurando-se como gênero.

Diante de tudo que foi exposto, podemos afirmar de acordo com Bakhtin (2003) e nos estudos de Marcuschi (2005) que o blog é um gênero



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

textual digital desenvolvido historicamente comportando características socioculturais, além de ter dupla função e organização discursiva que o diferencia de outros gêneros do mesmo suporte. É necessário explicar também que, o blog não é apenas um gênero, mas um suporte para muitos outros tipos de gêneros.

- O professor pode fazer uso de slides para mostrar as características de cada gênero e trazer exemplo de diário pessoal e blogs concretos/reais.

Nessa perspectiva, concordamos com Milanez⁵, ao afirmar que o professor pode fazer uso do gênero diário pessoal para desenvolver a habilidade escrita explorando um registro mais informal onde o aluno tem a liberdade de expressar-se de maneira mais espontânea. Além de aprimorar a habilidade da leitura, uma vez que é um gênero com os quais os alunos estão mais familiarizados e que desperta interesse por seu caráter personalizado/pessoal. Também podemos evidenciar as habilidades orais de cada aluno, tendo em vista que o diário pode ser compartilhado promovendo um exercício de compreensão oral bem como de produção oral.

3ª etapa – Leitura e apreciação da obra.

- O professor deve aproveitar o momento para introduzir a obra (O Diário de Zlata), mostrando aos alunos que um diário pode tornar-se um documento de importância histórica, pois relata fatos, o cotidiano, de uma época e espaço diferente.
- O professor deve apresentar a sinopse da obra para os alunos:

Em setembro de 1991, Zlata começa a escrever um diário, o qual apelida de Mimmy. A vida dela era comum a qualquer criança de 11 anos, suas únicas preocupações era tirar notas boas na escola. Tinha amigos, fazia aulas de música, costumava ler, top models e a MTV era o que ocupava seu tempo; até a guerra estourar, em abril de 1992. Sarajevo, cidade onde ela morava, começa a entrar em clima de guerra, (Guerra da Bósnia). Trazendo medo e desolação a vida de Zlata e todos ao seu redor: as escolas são fechadas, não há água, luz ou gás; falta comida, os lugares que ela ama vão sendo destruídos, alguns de seus amigos são mortos.

- Essas informações devem aguçar/suscitar o interesse dos alunos. Não conte muito sobre o livro, nem fale como a história acaba.
- Espera-se que o professor selecione previamente os exemplares da obra para a turma, ou, caso não haja exemplares suficientes na biblioteca, o professor pode digitalizar a obra e utilizar o Datashow para ampliar a imagem.
- O professor deve oferecer um ambiente calmo e silencioso para que não atrapalhe/desconcentre a leitura dos alunos.
- Agora, é o momento de iniciarem a leitura da obra na íntegra. É óbvio que essa fase será um pouco demorada, dependendo do ritmo de leitura da turma. Assim, quantos dias serão necessários para completar essa fase será determinado por cada professor.
- Após a leitura, ou a cada capítulo lido é interessante que o professor reserve um tempo para discutir as impressões sobre o que foi lido, tire dúvidas, acrescentar informações necessárias.

⁵ MILANEZ, Maria Salete. **Diário**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1080-2.pdf>. Acesso em: 25, de jan. de 2016.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

4ª etapa - Momento em que os alunos a partir de um plano de trabalho, com a mediação do professor, deverão fazer as atividades e buscar informações sobre o a obra lida.

- Atividade de análise e comparação:
 - 1- Qual é a variedade linguística empregada nessa obra? Justifique com passagens do texto.
 - 2- A linguagem utilizada por Zlata é atrativa para adolescentes por quê?
 - 3- Considerando que o diário é um gênero que tem como leitor o próprio autor, explique porque o diário de Zlata se tornou público.
 - 4- Por ser um diário, tudo o que Zlata escreve ela vivenciou realmente. Que emoções e sensações você sentiu ao ler a obra. Cite as partes que mais lhe trouxeram a sensação do que é estar em uma guerra.
 - 5- O que um adolescente costuma registrar em seu diário?
 - 6- O tema que Zlata fala em seu diário é um tema comum a todos os adolescentes? Explique.
 - 7- As páginas de um diário costumam ser datadas. Porque é importante datar as páginas?
 - 8- Por que o diário de Zlata é diferente do seu?
 - 9- Compare-os e evidencie essas distinções.
- As questões de comparação deverão ser realizadas após a atividade de produção do gênero.

5ª etapa - Orientações para a produção de um diário pessoal:

- O material necessário para realizar esta etapa é um caderno ou diário simples.
- Cada aluno deverá produzir um diário, seguindo as orientações seguintes:

- Registre momentos que você vivenciou e considera importante: um passeio com a família, uma festa, dia-a-dia em sala de aula, traquinagens do animal de estimação, uma amizade nova etc.
- Fale de como se sente, se seus projetos, de seus sentimentos, das emoções que os fatos lhe causaram.
- Decida se você quer tornar o seu diário público, optando por divulgá-lo no blog da turma ou em seu blog individual. Caso contrário, escolha um colega com quem você tenha mais intimidade e troque seu texto com ele para leitura.

6ª etapa – Escrita e refacção textual

Escrevemos não apenas para nós mais para o outro, e esse processo de escrita requer muito cuidado e empenho. O aluno necessita aprender a “pensar e falar sobre a própria linguagem”, este processo supõe “tomar como objeto de reflexão os procedimentos de planejamento, de elaboração e de refacção dos textos.” (PCN, 1998, p. 28).

• O professor pode sugerir uma refacção coletiva (duplas) para reelaborar o texto; sendo também, monitorada pelo professor. Os alunos são convidados a refletir (após a leitura) sobre o texto do outro aluno. Verificando se o mesmo está compreensível, adequado ao gênero, confuso, incoerente, enfim, e a partir dessa reflexão sugerir mudanças, melhorias para o autor do texto.

Não queremos aqui, tachar as variantes linguísticas como “erro”, nosso objetivo é apenas adequar a linguagem a situação comunicativa, e para isso, faz-se necessário alguns ajustes, como por exemplo, verificação da coerência, uso adequado de operadores argumentativos, entre outros, para garantir a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

compreensão textual. Acreditamos também que o uso de gírias, e outros elementos próprios da linguagem dos alunos são reflexos de sua individualidade e estilo, por isso não necessitam de correções.

Concordamos com os PCNs (1989, p 28) ao afirmarem que, “[...] mais do que o ajuste aos padrões normativos, os movimentos do sujeito para reelaborar o próprio texto”. Ao verificar as sugestões apontadas pelo professor, ou pelo colega “permite que o aluno se distancie de seu próprio texto, de maneira a poder atuar sobre ele criticamente.” (PCN, 1998, p. 77), e assim adquira maturidade para escrever e se apropriar desses conhecimentos.

- O professor pode optar por realizar uma seleção do que será postado no blog, e realizar apenas a refacção desta parte do texto ou realizar no texto completo.

7ª etapa – Criação de um blog da turma

- O professor levará os alunos para sala de informática e auxiliará cada aluno na criação, organização, design e escrita dos blogs e/ou criará com a turma um blog coletivo para divulgar partes que julgarem interessantes dos diários.⁶

- O professor pode reservar um momento para leitura e apreciação das obras.

- Depois de pronto, os alunos poderão apreciar sua escrita na internet e compartilhar suas postagens com outras pessoas.

Por fim, o professor deverá concluir o processo avaliativo. Acreditação que este processo se realiza concomitantemente em cada etapa da proposta de ensino. O professor precisará acompanhar e observar o desempenho, dificuldades e envolvimento dos alunos de maneira individual e coletiva. O professor precisará reservar momentos para reflexão dos alunos e de seu próprio trabalho, verificando que ações foram eficazes, quais precisam de melhorias ou reforço, que conhecimentos foram apreendidos, as principais dificuldades encontradas, enfim, um momento de autoavaliação. O professor poderá também realizar uma avaliação final a partir da escrita do aluno, parcial ou completa.

CONCLUSÃO

Promover uma aprendizagem mais significativa que promova a autonomia do alunado deve ser tarefa de todos os professores realmente envolvidos e preocupação com o futuro e desempenho destes seres em construção. E é por ter essa visão pedagógica baseada no mestre,

⁶ Sugerimos que o professor apresente aos alunos blogs que falem sobre a obra lida, separamos dois: Esther, não Stephanie!. Disponível em: <<https://esthersampaiblog.wordpress.com/2013/11/09/resenha-o-diario-de-zlata-a-vida-de-uma-menina-na-guerra/>> Acesso em: 15 jan. 2016.

Janelas abertas. Disponível em: <<http://www.janelasabertas.com/2014/05/05/livro-vozes-roubadas-diarios-de-guerra/>> Acesso em: <17 jan. 2016.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Paulo Freire, de compreender a educação como “intervenção no mundo”, que pensamos e apostamos em um ensino que promova autonomia crítica.

Acreditamos que este trabalho é relevante, pois apresenta uma proposta interdisciplinar favorecendo a construção de conhecimentos em áreas distintas, além disso, valoriza as produções dos alunos. Promovendo espaços e momentos de interação e divulgação das obras. Outro ponto favorável é a execução de uma leitura da obra completa, algo pouco visto, infelizmente, nos manuais didáticos e ensino básico em geral.

Verificamos que as metodologias ativas possibilitam a realização de um ensino mais concreto e, portanto mais significativo para os alunos. Pois, ao tratar de problemas vivenciados cotidianamente pelos discentes, o professor estará contribuindo para a promoção de saberes, reflexões e ressignificações do mundo. Conseqüentemente, da construção dos discentes como cidadãos críticos e atuantes em sociedade.

Há ainda muitas pesquisas a serem realizadas, mas consideramos que a proposta se mostrou instrumento de reflexão e autoavaliação de professores e de todos envolvidos no processo educacional.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : história /** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC / SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/**

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Secretaria de Educação Fundamental. Brasília : MEC/SEF, 1998.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, BERNARD. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

FILIPOVIC, Z. **O diário de Zlata** - A vida de uma menina na guerra. trad.: SOARES, Antônio de Macedo; JAHN, Heloísa. Prefácio: SERVA, Leão. SP: Cia das Letras, 1994.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 22.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo, Editora Paz e Terra, 2007.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A.

R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MILANEZ, M. S. **Diário**. Disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1080-2.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2016.

MITRE, S. M.I; et al. **Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde**: debates atuais. Ciências e Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 13, 2008. Disponível em:

<http://www.redalyc.org/redalyc/pdf/630/63009618.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2016.

NIKITIUK, S. **A História local como instrumento de formação**. X Encontro Regional de História – ANPUH-RJ. História e Biografias - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – 2002.

SANTOS, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões**. SILVA, Elisiane da; NEVES, Gervásio Rodrigo; MARTINS, Liana Bach. (Orgs). Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011. (Coleção O Pensamento Político Brasileiro; v.3).

SILBERMAN, M. **Active learning**: 101 strategies do teach any subject. Massachusetts: Ed. Allyn and Bacon, 1996.

SCHITTINE, Denise. **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas III**: problemas del desarrollo de la psique. Visor Distribuciones: Madrid, 1995.

_____. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.

Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.